



## **BAKHTIN E A ECOLINGUÍSTICA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

Marta Maria Covezzi – UFMT

Márcia de Moura Gonçalves – UFMT

Simone de Jesus Padilha - UFMT

**Resumo:** Este texto apresenta parcialmente pesquisa doutoral que investiga a influência da língua francesa oralizada e da Língua Francesa de Sinais (LFS) na Língua Brasileira de Sinais. As análises do *corpus* serão fundamentadas nos conceitos dos estudos bakhtinianos buscando correlacioná-los a conceitos da Ecolinguística. Partindo da *interação verbal*, noção comum e basilar a ambas as teorias, apontamos a possibilidade de diálogo entre seus conceitos essenciais e complementares. Pretendemos, neste trabalho, demonstrar que esse encontro nos dará argumentos consistentes para as discussões sobre o trajeto sócio-histórico dos empréstimos linguísticos de origem francesa e esclarecimentos à constituição da Libras.

**Palavras-chave:** Estudos Bakhtinianos. Ecolinguística. Língua Francesa. LSF e Libras

**Abstract:** This text is a part of doctoral research entitled Linguistic Loans from the French language into Libras, looking at Bakhtin in order to investigate the contributions of French and French Sign Language (FSL) to Libras, aided by Ecolinguistics concepts. The starting point for both theories is the verbal interaction. We will investigate a possible dialogue between Bakhtin's concepts of dialogism, language as interaction and Ecolinguistics' multilingualism, language contact, and language. The confluence of these two theories will base for the discussions on the socio-historical path of loanwords of French origin in Libras as well as for an attempt at explaining their role in the formation of Libras.

**Keywords:** Bakhtin Studies. Ecolinguistics. French Language. FSL and Libras.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem se sobressaído como objeto de discussões e investigações desde sua inserção em cursos de graduação no Brasil, devido à sua exigência legal e legítima no processo de inclusão social do sujeito visual (surdo). O termo *sujeito visual*, aqui empregado, refere-se ao conceito desenvolvido por Duarte (2016) em analogia à concepção de *sujeito ouvinte*, remetendo à habilidade linguística visual requerida do usuário de línguas de sinais, devido à sua característica visuo-espacial,

ressaltando um potencial linguístico, e não a deficiência auditiva como ocorre com o termo *surdo*.

“A Língua de Sinais, como quaisquer outras línguas, orais ou gestuais, perfaz o mesmo processo sócio-histórico, dinâmico e necessário que constitui o arcabouço vivo de uma língua”, seguindo, portanto, a trajetória das línguas naturais em sua formação e transformações, recebendo também empréstimos de outras línguas, sejam oralizadas ou não (DUARTE, 2011, p. 30). Considerando a visão dialógica da linguagem de Bakhtin, compreendemos os empréstimos linguísticos como consequências ou resultados do diálogo existente entre as diversas línguas. Interessa-nos olhar mais estreitamente como esse fenômeno ocorre no contato entre a Libras, a língua francesa e a Língua de Sinais Francesa (LSF), num esforço de compreender como se produziram essas heranças, em quais aspectos se deram, desvelando, conforme o desenrolar da pesquisa possibilite, seu trajeto sócio-histórico.

Desde o período imperial, o Brasil tem apoiado as direções e decisões mundiais em relação às línguas de sinais, tendo como modelo a França, considerando também que os primeiros professores da língua de sinais foram os franceses, contribuindo com as construções linguísticas da Libras, por meio dos legados da Língua Francesa de Sinais e, conseqüentemente, da língua francesa oralizada.

Em 1857, o professor francês Édouard Huet (visual e partidário do Abade Charles-Michel de l'Épée) fundou a primeira escola para surdos no Brasil, com o apoio de D. Pedro II, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. Em 1875, Flausino José da Gama, com apenas 18 anos de idade e ex-aluno do INES, elabora o primeiro dicionário com símbolos no país, intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos*. Essa obra é considerada fundadora do saber lexicográfico sobre a Linguagem de Sinais do Brasil, termo substituído por Linguagem Brasileira de Sinais, na atualidade, Libras e seu autor recebeu todos os ensinamentos e orientações linguísticas da Língua Francesa de Sinais. Esse trabalho é baseado na obra de Pierre Pélissier, professor francês, primeiro autor visual de um dicionário da Língua Francesa de Sinais, em 1856, *L'Enseignement Primaire des Sourds-Muets mis à la portée de tout le monde avec une Iconographie des Signes*.

Por tudo isso, a língua e cultura francesas exerceram grande influência na língua portuguesa oralizada. Encontramos diversos exemplos claramente recebidos da língua francesa e da LSF na constituição da Libras; seu alfabeto é herdado na íntegra da LSF,

tendo se mantido praticamente inalterado ao longo do tempo, como é possível confirmar na obra *Iconographia dos Signaes*. Observamos essa influência ainda em empréstimos por transliteração da letra inicial, como: trabalhar, sinal em Libras com configuração das mãos em L de *Labour* (trabalho/labor, em francês); perguntar, em D de *demander* (perguntar em francês); feio, em L de *Laid* (feio em francês); também temos empréstimos de sinais da LSF que se mantiveram inalterados na Libras: *année* (ano); *argent* (dinheiro); *aujourd'hui* (hoje); *avec* (com); *chocolat* (chocolate); *maison* (casa); *manger* (comer); *rouge* (vermelho), assim como muitos outros. O próprio sinal de Libras tem a mesma constituição morfológica do sinal de LSF (DUARTE, 2011).

Esse entrelaçamento Brasil-França em relação à Libras instigou-nos à proposição de investigação na busca de resposta a uma pergunta central: de que forma essa influência ocorreu e se faz presente na Língua Brasileira de Sinais? Como referencial teórico de base, lançaremos mão dos estudos bakhtinianos de linguagem, no viés enunciativo-discursivo, empregando o método indiciário para mostrar os caminhos dos empréstimos e em que aspectos eles ainda se apresentam hoje na Libras. Esta é uma pergunta da tese à qual, na fase atual da pesquisa, ainda não é possível elaborar uma resposta mais completa e satisfatória. Neste texto, pretendemos mostrar a relação teórica possível entre os estudos bakhtinianos e a Ecolinguística para a condução da análise dos achados da pesquisa.

Einar Haugen, ([1970] 2016, p. 58) em seu texto fundador da Ecolinguística, define-a, empregando o termo “ecologia da linguagem”, como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu meio ambiente”, entendendo por meio ambiente da língua a sociedade que faz uso dela como um de seus códigos. Couto (2009, p. 12), maior referência da área no Brasil, a redefine como “o estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos”. A Ecolinguística tem como conceito central o de ecossistema, composto pelo tripé língua (L), povo (P) e território (T) e suas interações, o que equivale a **ecossistema fundamental da língua** ou **comunidade**.

O ecossistema da língua integra os elementos: meio ambiente social (o povo, membros organizados socialmente), o meio ambiente mental (cada membro de P tem um corpo físico que contém um cérebro e a mente, base da língua) e o meio ambiente natural (o território onde os membros dessa sociedade convivem). A dinâmica na qual se fundamenta a Ecolinguística é a de que “sem as bases físicas do território, não há povo e, sem os membros de um povo convivendo, não há língua” (COUTO, 2007, p. 21)

## ECO-REBEL

O conceito de sujeito, na concepção de Bakhtin, corresponderia ao de pessoa (cada um dos  $p_x$  de P) na Ecolinguística, e estaria no entrecruzamento das inter-relações do mental, do social e do natural. A visão holística da Ecolinguística, que considera todas as partes de seu objeto relacionadas ao todo e vice-versa, tem muito em comum com a visão bakhtiniana, que considera também o todo da linguagem ao determinar o enunciado concreto como a unidade real da comunicação discursiva: a língua enquanto sistema, os falantes (sujeito e o Outro), todo o contexto sócio-histórico político, cultural, enfim, todo o extralinguístico ou translinguístico como partes indissociáveis na análise de qualquer enunciado. O enunciado concreto é determinado totalmente pela situação social imediata e pelo meio social mais amplo. Esses elementos determinantes na Ecolinguística corresponderiam ao meio ambiente social e natural.

Pudemos perceber a convergência de compreensões sobre língua/linguagem com Bakhtin, partindo da concepção de linguagem como interação. Para Bakhtin, o discurso procede de alguém (eu/sujeito/falante/locutor) e dirige-se a alguém (interlocutor/ouvinte/outro). A linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da interação entre interlocutores. Estabelece-se uma correlação íntima entre o enunciado e a situação concreta de sua enunciação, assim como entre seu significado e atitudes valorativas. O enunciado, único e irrepetível, é elemento da comunicação em relação indissociável com a vida, o enunciado é considerado concreto exatamente por essa indissociabilidade, assim como a indivisibilidade do ecossistema fundamental da língua, ou seja, língua, povo e seu meio. A exteriorização da atividade mental é orientada por uma situação social mais ampla, uma mais imediata ou próxima e, também, pela interação com interlocutores concretos num dado território da língua. Nas palavras de Volochinov

As formas de interação verbal seguem as condições criadas pela estrutura social. A interação discursiva reflete de modo extremamente sensível todas as mudanças que aí ocorrem [...] As formas dos desempenhos discursivos concretos, pertencentes à vida e à ideologia, são também determinadas em cada interação [...] (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 253)

Para a Linguística Ecológica, ramo brasileiro da Ecolinguística, a língua é “a própria expressão do pensamento e a própria comunicação, juntas e integradas. Ela é a interação (verbal) que se dá entre cada dois membros do ecossistema linguístico” (COUTO, 2014, p. 04).

Couto (2009, p. 34), ao discorrer sobre a **ecologia da interação comunicativa**, reitera a importância das inter-relações que se dão não apenas entre organismos e o meio ambiente, mas, acima de tudo, as que ocorrem entre os próprios organismos, e acrescenta que “todo ato de interação comunicativa tem como produto um enunciado”. Assim, corrobora a ideia bakhtiniana que alude ao enunciado concreto enquanto unidade real da comunicação verbal, visto considerar que a interação comunicativa depende das experiências, informações e sistema linguístico partilhados pelos falantes, e que a proximidade espacial facilita esse compartilhamento, e pressupõe também a comunhão, um tipo de preparação das condições para que a interação ocorra. Couto (2016, p.30) assevera: [...] “as interações são a linguagem” (L).

Da mesma forma, encontram-se em sintonia os conceitos de língua da Ecolinguística e da teoria bakhtiniana, pois ambas as correntes teóricas rejeitam a ideia de língua enquanto estrutura ou sistema rígido, isolado e petrificado, mas a consideram enquanto produto da interação social, viva, que está em mobilidade contínua porque acompanha o fluxo da vida social, como podemos verificar em Voloshinov

Qualquer produto da atividade do discurso humano (...) deriva em forma e significação, em todos os seus aspectos essenciais, não das experiências subjetivas do falante, mas da situação social na qual o enunciado aparece. A língua e suas formas são produtos de uma prolongada comunicação social entre os membros de uma dada comunidade discursiva (VOLOCHINOV *apud* SOUZA, 2002, p. 36)

Não se desconsidera a relevância e imanência do sistema no discurso, enquanto código comum aos falantes que permite a comunicação, porém também é considerado como produto histórico-social. Assim argumentamos nossa pesquisa doutoral em consonância com o diálogo histórico das línguas envolvidas, Libras, LSF e língua francesa oralizada

abrangendo os povos, brasileiro e francês citoplasmados em território, Brasil e França.  
Para Couto,

[...] língua não é apenas um sistema, isolado de seus usuários e do mundo. [...] Na verdade, o sistema existe e é importante, mas como um dos componentes da ecologia da interação comunicativa. Para o ecolinguista [...], os atos de interação comunicativa não são uma realização do sistema. Pelo contrário, o sistema é que é um produto histórico desses atos. [...] Enfim, a interação é parte da natureza em geral, a língua é uma imensa teia de interações. (COUTO, 2013, p. 63-65)

Portanto, há o mesmo entendimento de que o sistema sincrônico, abstrato, da língua é uma simplificação necessária à forma de estudo proposta pela linguística em determinado momento de sua constituição, mas que não é representativo da língua viva, histórica, social.

A Ecolinguística leva em conta, em analogia com a visão bakhtiniana de aquisição de língua a ideia de que

na verdade, a língua não se transmite, ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2014 [1929], p. 111)

O autor acrescenta, seguindo seus princípios, que o adquirente da língua precisa entrar em comunhão com a comunidade em que convive para conseguir entrar no fluxo discursivo dessa comunidade. Para que isso ocorra, o espaço é decisivo, a convivência no mesmo espaço possibilita as interações que, em geral, se dão pela linguagem, por meio de um sistema linguístico prévio e comum; no território de Bakhtin, conhecemos este espaço como esfera linguística.

Na busca por teorias que comungassem com a teoria Bakhtiniana, foi fundamental que encontrássemos conceitos básicos comuns como aqueles sobre os quais acabamos de discorrer, de língua e linguagem, porém, uma vez que nos propomos investigar os empréstimos linguísticos, além da harmonia entre conceitos essenciais, há ideias na Ecolinguística que serão muito relevantes para a compreensão dessas ocorrências.

Um desses conceitos é “contato de línguas” (COUTO, 2007, p. 284) que se dá, na verdade, pelo contato entre povos e não diretamente entre línguas, assumindo que L não tem vida fora de um P. Constitui-se em uma ecologia, a **ecologia do contato de línguas**, porque se consideram todos os elementos de uma comunidade ou EFL: L, P, e T e suas inter-relações. O contato de línguas, ainda segundo Couto, abrangeria o estudo de línguas em contato, línguas de contato (resultantes do contato) ou ainda língua usada para contato interlinguístico (língua franca). A abrangência do conceito o torna ainda mais interessante para os intentos desta pesquisa, que pretende compreender a origem da Língua Brasileira de Sinais investigando a ocorrência de empréstimos da Língua Francesa de Sinais, de relevância vital no processo da constituição da língua nacional de sinais, em que estão presentes todos os elementos do EFL e suas inter-relações.

Em geral, o contato de línguas ocorre pelo deslocamento de um povo (ou parte dele) e sua respectiva língua (PL<sub>1</sub>) para o território de outro povo e sua língua (PL<sub>2</sub>) ou o contrário. Outro tipo de contato ocorre quando PL<sub>1</sub> e PL<sub>2</sub> encontram-se em outro território, de um terceiro povo. Um quarto tipo de contato acontece quando os deslocamentos são temporários, membros de PL<sub>1</sub> vão ao território de PL<sub>2</sub>, ou vice-versa, retornando ao território próprio em pouco tempo.

É possível haver ainda interferência de uma língua em outra sem contato direto entre os falantes dessa língua, ou seja, na ausência de contato. Uma das formas de mudança linguística ocasionada pela ausência de contato se dá quando um grupo de falantes de determinada comunidade se desloca e forma uma comunidade isolada da original, deixando de existir interação entre membros das duas comunidades. Assim, é possível que haja uma deriva própria, gerada pelo distanciamento da história da comunidade original, cuja língua pode se transformar em uma nova língua com o passar do tempo, em consequência da adaptação ao novo ambiente.

Acreditamos que o contato ocorrido entre LSF e Libras adequa-se ao quarto tipo acima descrito e também à ausência de contato, considerando que a LSF foi trazida pelo professor Huet na institucionalização do ensino da língua de sinais em 1856, mantendo-

se como diretor do atual INES até 1862. Porém, ele partiu para disseminar os estudos em outro país, o México, onde fundou a Escola Nacional de Surdos, em 1867, deixando aqui o legado da LSF e, certamente, da língua francesa oralizada, já que perdeu a audição aos doze anos e, portanto, já tinha desenvolvido a fala e estava alfabetizado.

Além disso, a própria LSF também recebeu interferências da língua francesa oralizada em sua constituição, sendo um caso de contato de duas Línguas e dois Povos (ouvintes e visuais), porém convivendo num mesmo território.

Segundo a história do INES, quando da sua criação, por tratar-se da única escola de língua de sinais no Brasil, os alunos vinham de todas as regiões do país e “A língua de sinais praticada pelos surdos no Instituto – de forte influência francesa, em função da nacionalidade de Huet – foi espalhada por todo Brasil pelos alunos que regressavam aos seus Estados ao término do curso.”<sup>1</sup> Então, a língua de sinais que começava a se constituir, difundiu-se por todo o país. E muitas de suas marcas, principalmente as lexicográficas, herdadas da LSF, estão presentes na Libras até os dias atuais.

Sofiato e Reily (2012), em estudo analítico das obras de Flausino da Gama e a de Pierre Pélissier, concluíram que, dos 382 sinais apresentados na obra de Flausino, apenas 38, ou seja, cerca de 10 por cento dos sinais, ainda se mantêm na Libras. São, de fato, relativamente, poucos, porém é mais uma marca da influência da LSF na origem da Libras. É provável que um número bem maior desses sinais tenha sido empregado na língua de sinais do fim do século XIX, mas, seguindo o movimento da vida, a língua se transformou e os sinais também, porque o povo e o território são outros, ou seja, alteraram-se os meios ambientes social, mental e natural e já se trata de outra língua. Exemplo de um elemento relacionado à cultura francesa é o sinal de fogo, proposto por Pélissier, na obra inspiradora de Flausino, devido à necessidade de manter a sala aquecida nas salas de aula durante o inverno europeu, mantido na *Iconographia dos Signaes*, na estampa 5 que contém léxico relativo à sala de aula (Objectos de aula) porém, sem vínculo com a realidade brasileira do Rio de Janeiro, com clima tropical (SOFIATO; REILY, 2012). Isso é indicador de distanciamento do território original (meio ambiente natural) que exigia tal elemento, e podemos arriscar afirmar que esta tenha sido a causa da modificação do sinal fogo na língua de sinais do Brasil, já que o sinal de fogo em LSF correspondia ao gesto de sobrepor as mãos sobre o fogo para aquecê-las e, na Libras atual é um sinal icônico das chamas do fogo.

---

<sup>1</sup> [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br)



A constatação, por outro lado, de que cerca de 40 a 50% do léxico da Libras é oriundo da LSF, mantendo-se inalterada sua constituição morfológica, pode ser reflexo da interferência de uma língua de sinais já estruturada sobre outra que começava a se formar, visto que Huet utilizava em suas aulas uma mistura da LSF e de sinais utilizados pelas comunidades surdas brasileiras da época, denominada de ‘Libras antiga’. Dessa mistura surgiram os sinais atuais da Libras (DESCOURS, 2011). Aqui, dialogamos com Couto (2007, p. 287) quando discorre sobre a segunda forma de contato de línguas em que a língua deslocada (L<sub>1</sub>) é relativamente consolidada e goza de maior prestígio, mas no caso da LSF-Libras, apenas pelo fato, talvez, de que a outra língua (L<sub>2</sub>) ainda estivesse em formação.

Pudemos constatar ainda que muitos dos sinais de Libras recebidos por empréstimo da LSF mantiveram-se inalterados no Brasil, enquanto que os sinais equivalentes a esse léxico na Língua Francesa de Sinais tenham se alterado, demonstrando que houve mudança linguística no território de origem, acompanhando o movimento natural da vida, porém mantiveram-se inalterados na língua do novo território, por ter novos MA social, mental e natural.

Isso é uma confirmação de que as línguas de sinais, assim como as línguas oralizadas, seguem o curso da vida social, modificando-se para se adequarem a novas necessidades quando mantidas em seu habitat de origem, porém, na medida em que são deslocadas, podem manter-se inalteradas pois perdem o curso dinâmico social do território-mãe. Este é, a nosso ver, um dos resultados da ausência de contato entre as línguas que se inter-relacionam.

Outra descoberta bastante interessante quanto à formação de vocábulos (sinais) na Libras, refere-se à influência da língua francesa oralizada, como os empréstimos por aliteração da letra inicial que seguem: trabalhar = L de *Labourer* (trabalhar/laborar); perguntar, em D de *demander* (perguntar); feio, em L de *Laid* (feio). Esses vocábulos nunca apresentaram essas constituições na LSF, conforme consta no *Dictionnaire Étymologique et Historique de la Langue des Signes Française* (DELAPORTE, 2007).

A Ecolinguística defende a tese de que toda mudança linguística está relacionada ao contato de línguas e é um processo de adaptação linguística dos membros de um povo a novas condições ambientais. Da mesma forma como “na genética sempre há transmissão de genes na história das populações, do mesmo modo tem de haver transmissão de traços

da evolução linguística. Não há possibilidade de surgimento de uma língua sem transmissão de traços (genes)” (COUTO, 2009, p. 64).

Nesse contexto plurilíngue, de línguas em contato, convocamos a concepção dialógica da linguagem dos estudos bakhtinianos:

(...) todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante (...) e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte) O enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2011, [1979], p. 272)

O dialogismo anuncia que todo enunciado é uma resposta a enunciados precedentes e que, uma vez concretizado, possibilita a resposta de enunciados futuros. O homem encontra-se numa relação dialógica entre o Eu e o Tu, ou entre o Eu e o Outro, via discurso. É condição essencial considerar o papel do outro na constituição do sentido, tendo em vista que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva da voz do outro.

A interação entre os sujeitos e o contexto histórico-social em que ocorre o enunciado concorre para sua compreensão, assim como influencia a modificação das formas da língua, já que “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação (enunciado) monológica isolada (...), mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* (enunciado) ou das *enunciações* (enunciados)”. (BAKHTIN, 1929, p. 127)

Considerando, como Bakhtin, que toda e qualquer investigação sobre materiais linguísticos concretos lida necessariamente com enunciados concretos, escritos e orais, “faz-se necessária uma noção mais precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 264). Caso contrário, esses estudos incorrem no formalismo e na abstração exacerbada, deturpam sua historicidade e enfraquecem a relações da língua com a vida. A concepção dialógica da linguagem é seminal em Bakhtin

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. [...] A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. (BAKHTIN, [1979]; 2011:348).”

Considerando o princípio do dialogismo é que conjecturamos a possibilidade de diálogo Bakhtin-Ecolinguística, por entender que ambos consideram o eu/homem/sujeito/falante/locutor, produtor de discursos, em todos os seus aspectos, enquanto ser humano, mental, espiritual, biológico, histórico, social além de considerar todo o contexto da enunciação.

A consonância entre as duas correntes não se esgota aqui, logicamente, visto o estudo estar em curso e as categorias de análise serão evidentemente suscitadas no desenrolar da pesquisa. Portanto, temos a certeza de que outros itens ainda deverão ser esmiuçados nesse encontro profícuo e auspicioso entre Bakhtin e Ecolinguística. O que importa, afinal, não é que haja apenas convergências nas correntes teóricas de estudos da linguagem que buscamos congregar para contribuir com as análises e a consecução de respostas adequadas às nossas questões de pesquisa, visto que, então, seriam apenas a mesma teoria exposta de forma diferente ou com terminologias e denominações diversas.

É óbvio que há princípios próprios na Ecolinguística e nos estudos bakhtinianos que fazem com que se distingam entre si, como pudemos demonstrar rapidamente neste texto, mas também existem convergências necessárias a esse suporte, pontos de apoio em conceitos que se confirmam, que não as opõem em suas concepções básicas, não permitindo que se ‘desdigam’ ou ‘contradigam’.

### Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (1952-1953). Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 476 p.
- \_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaievich. [1929]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 203 p.
- COUTO, E. K. N. N. Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto. *Coleção Linguagem & Sociedade*. V. 4, Campinas, SP :Pontes Editores, 2013. 155.

COUTO, Hildo H. Contatos entre francês e português ou influências do primeiro no segundo. *Synergies Brésil*. nº spécial 12, 2010, p. 107 – 116.

\_\_\_\_\_, Hildo H. *Ecolinguística: estudo das relações entre línguas e meio ambiente*. Brasília:Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_, Hildo H. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.187 p.

\_\_\_\_\_, Hildo H. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, 2013, p. 275- 313.

\_\_\_\_\_, Hildo H. et al. (Org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Ed. UFG, 2016.

DELAPORTE, Yves. *Dictionnaire étymologique et historique de la langue des signes française : origine et évolution de 1200 signes*. Les Essarts-le-Roi : Éditions du Fox, 2007.

DESCOURS, Pauline. L'histoire de la langue des signes française et de la langue des signes brésilienne: quelles influences pour les populations sourdes?. *Linguistics*. 2011.<dumas-00603905>

DUARTE, A. S. **Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático**. 2011. 327 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens)-Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2011.

\_\_\_\_\_. **Alteridade: o sujeito na educação contemporânea forjado com os fragmentos medievais**. In: Silva, S. S. O. (Org.) **Políticas educacionais e formação de professores: experiências e práticas pedagógicas**. Curitiba: Appris, 2016. p. 247-261.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. Justaposições: O primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 18, p. 569-586, 2012.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. Que é a linguagem. In *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.131-156.

#### Fontes digitais:

[www.brasilazur.com/2012/09/lingua-brasileira-de-sinais-e-lingua-de-sinais-francesa-uma-relacao-historica-linguistica-e-cultural/](http://www.brasilazur.com/2012/09/lingua-brasileira-de-sinais-e-lingua-de-sinais-francesa-uma-relacao-historica-linguistica-e-cultural/) (acesso em 05 de janeiro de 2017).

[www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br) (acesso em 05 de janeiro de 2017)

Enviado: 20/10/2016.

Aceito: 15/01/2017.